



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O ESPAÇO FICCIONAL NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

Francisca Luana Abrantes de Castro (1); Nilson de Sousa Rutizat (1); Alyne Santos de Paula (2); Maricélia dos Santos Souza (3); Rosangela Vieira Freire (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB luana_abrantes@hotmail.com, brasilalemo@gmail.com, alynesz2010@hotmail.com, mariceliadesousa@gmail.com, rosangelaveafs@yahoo.com)

Resumo: Este trabalho é fruto de um estudo bibliográfico sobre o espaço ficcional no conto “Amor”, de Clarice Lispector publicado no livro *Laços de Família* (1998). O objetivo principal desse artigo é analisar o espaço ficcional no conto em questão. Espaço esse que condiciona toda a narrativa. O conto “Amor” aborda a temática da submissão da mulher de classe média destinada à rotina familiar, aos cuidados do lar, dos filhos e do marido. Além disso, como sabemos, o texto ficcional é uma imitação da vida real, por partir de um contexto carregado de marcas intencionais, visto que o homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Assim, ao analisar tal obra iremos perceber que a personagem Ana, uma dona-de-casa aparentemente submissa a sua função e ao trabalho doméstico, deixa escapar alguns questionamentos sobre a vida que escolheu quando se encontra só, no período da tarde. Assim sendo, a personagem Ana permite que observemos nosso comportamento e reflitamos sobre a complexidade do ser humano. Ressaltando, dessa forma, os novos contornos do espaço da família a partir do momento em que a mulher questionou os laços familiares.

Palavras-Chave: Língua Portuguesa, Espaço Ficcional, Condição Feminina, Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa bibliográfica de caráter dedutivo, constituído por sujeitos discentes do curso de Letras do IFPB, o qual, através de diversas leituras de teóricos, buscou-se analisar a referida obra para, assim, discorrer sobre o tema em questão.

O conto em questão encontra-se na obra “*Laços de Família*”, publicado em 1998, a qual, em todos os contos que permeiam a obra, traz a figura da mulher, mãe e esposa, engendrada nas relações familiares e que tem anseios por mudanças, mas que mesmo diante de tais questionamentos se mantém no seio familiar, submissa ao marido, aos filhos, aos cuidados do lar. Abordando dessa forma, a experiência interior. Além da experiência interior,



merece também destaque, a desconstrução e reconstrução dos personagens na devida coletânea.

A personagem dessa narrativa chama-se Ana, uma dona de casa preocupada com seus afazeres rotineiros. Tinha marido, filhos e morava em uma boa casa. Certo dia saiu para fazer compras para o jantar e, ao retornar para casa, já dentro de um bonde, foi surpreendida por um cego parado no ponto, que mascava chicletes com muita naturalidade. Isso a despertou para novas sensações e sentimentos.

Quando o bonde voltou a andar, Ana deixou cair às compras. Os passageiros recolheram o que ficou espalhado, depois seguiram viagem. A distração era tão grande, que Ana acabou perdendo o ponto que a faria retornar para casa, por isso, desceu próximo ao Jardim Botânico. Ficou toda a tarde observando cada detalhe do local, pássaros, insetos, folhas, flores, terra e vento. Em certo momento, lembrou-se dos filhos, do marido. Ao chegar em casa, passa a ver o filho, o marido e a própria casa de maneira diferente, parecia que o amor por todos havia aumentado. Jantaram com amigos e crianças. Depois, Ana e o marido foram dormir.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo principal, abordar o espaço ficcional no devido conto “Amor” de Clarice Lispector.

A fim de dar direção ao nosso estudo, nosso foco se voltará tanto para o espaço, bem como, para a personagem, para a visão que a mesma tem da vida, da consciência de que sua realidade é constituída a partir do que faz.

Além de analisar o espaço, o referido artigo busca refletir a interiorização do ser humano a partir do drama existencial vivido pela personagem Ana, a introspecção, os rasgos de modernidade que se volta para o sujeito, a qual, a obra de Clarice se volta, e os anseios que a personagem Ana sente, mas que mesmo tendo consciência sobre sua vida e sobre está no mundo, prefere voltar para casa, para a sua família, afinal, a vida de dona de casa, mãe e esposa dedicada “ela o quisera e escolhera”. Refletindo dessa maneira sobre a submissão em que a mulher de classe média estava condicionada.

Dessa forma, exploraremos o processo de construção da personagem, a partir do espaço em que ela se insere. Mostrando assim, a importância de ambos os espaços: externo e interno (espaços nauseentos) como elemento constituinte e estruturador que condiciona toda a narrativa. Além disso, abordaremos também, os deslocamentos espaciais e psicológicos. Ressaltando assim, os novos contornos do espaço da família a partir do momento em que a mulher questionou os laços familiares.



Para analisar tal obra, foi necessária a leitura de diversos teóricos como: SCHMIDT (1995), BORELLI (1981), CANDIDO (1977), BAUMAN (2004), FREUD (1987), entre outras fontes.

Outro fator memorável é a importância da leitura Literária de Clarice Lispector para o leitor, uma vez que suas obras buscam traduzir um mundo complexo e contraditório. Dando assim, as suas narrativas, uma existência própria e de caráter inesgotável. Revelando dessa maneira, temas tão presentes em nossa sociedade, voltados para a condição humana diante da inquietude da alma.

Enfim, adentrar nesse mundo de Clarice é poder compreender um pouco da sua escrita, da sua linguagem e principalmente, compreender temas existências tão presentes em suas obras e que descortinam suas narrativas, como por exemplo: a busca da liberdade, o desvelamento do ser e do mundo que o cerca, a busca de liberdade, entre outras temáticas que giram em suas obras.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa: O espaço ficcional no conto “Amor” de Clarice Lispector é fruto de estudos bibliográficos e discussão dirigida em relação à obra Clariceana.

O campo da pesquisa foi literatura e ensino, constituído por sujeitos discentes do curso de Letras/Português do IFPB. A fase interventiva ocorreu por meio de leitura de teóricos, debates e questionamentos. Durante o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas leituras relacionadas ao conto em questão. Além disso, buscamos analisar o referido conto, para assim, podermos identificar o tema em questão dentro da determinada obra. Relacionando assim, o espaço ficcional e os anseios pelo qual nós, seres humanos temos, mas, que muitas das vezes temos medo de enfrentar. Enfim, procuramos várias maneiras para abordar o tema em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante alguns anos, o espaço foi concebido a um caráter meramente ilustrativo onde não eram condicionados aos outros elementos da narrativa. No entanto, percebeu-se que a relação entre o espaço e o processo de construção da narrativa era muito importante. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assim sendo, o nosso trabalho procurou através das teorias relacionadas ao espaço não só abordar dentro do conto “Amor” todas as características relacionadas ao espaço ficcional, bem como, conceber a categoria literária do espaço, como constructo, como elemento que interfere, que determina que modifica, que impulsiona e que transforma os rumos da narração.

Além do mais, buscamos analisar a sátira e a crítica à família patriarcal que condiciona esta obra. Voltando-nos assim, para a personagem Ana como uma sofisticada construção estética de protesto contra a naturalização do “destino de mulher”. Fazendo assim, pensar na fragilidade e condição eternamente provisória da identidade. Todavia, nesta narrativa destacaremos dois espaços condicionantes para o desenrolar da história: O exterior, ou seja, o espaço da casa, sempre tão limpo, tão arrumado, tudo perfeito e no lugar, os horários sempre definidos, que vão condicionar Ana a uma vida tolhida e, o espaço externo, onde vão influenciar o comportamento da personagem.

Ana é uma mulher cuja vida é resultado das escolhas que fizera e também, submissa à rotina familiar. Assim, era a personagem: casada, mãe de dois ou mais filhos e de comportamento comum ao das mulheres de família, mas infeliz e frustrada. Que sofre dividida entre alegrias e frustrações, das quais tem plena consciência. Porém, esta simples dona de casa, sempre cuidadosa no desempenho do papel social a ela dado-Contemplada boa mãe, esposa e cuidadosa do lar, vivenciara momentos de desconforto em que seu eu, o seu interior tentava lhe trair. Mas, que sempre buscara equilíbrio para abafar seus desejos e ânsias, pois eles eram uma ameaça para sua vida segura e confortável.

O maior perigo para ela era a parte da tarde, pois nessa hora, quando seus repetitivos afazeres e cuidados tanto com a casa, filhos e marido se findam, permitiam-na refletir sobre a sua vida. É nesse período em que ela se encontra solitária e necessitaria de precaução para não sair do seu encontro consigo mesma, pois Ana tinha ânsia de ser livre, de se libertar de tudo o que incomodava. Porém, era um perigo para ela sair de uma zona de conforto, de segurança para uma zona de insegurança.

Os seus desejos eram apenas sonhos de uma juventude que por não se realizarem volta e meia perturbava. E visto que, o casamento apesar de solução, foi bem sucedido e a realizava, pois foi sua opção. Entretanto, apesar de Ana ter escolhido casar, percebe-se que esta vivia um conflito interno, com grande ansiedade onde, ao mesmo tempo em que se sentia segura em um casamento idealizado, por outro lado também, sentira infeliz com a monotonia que lhe era proporcionado, tornando-a prisioneira do lar e de si mesma. “Assim ela o quisera e escolhera”. Vivia uma vida sem grandes sobressaltos, onde tudo podia ser antecipado e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

controlado, onde nada de surpreendente aconteceria. Esta fora a sua escolha.

Ana reduzira suas expectativas em relação à vida e à felicidade, “tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade (...)”. (FREUD, 1987:85). No entanto, percebe-se que a personagem embora se sentisse prisioneira esta, tinha liberdade para sair de casa e conversar com outras pessoas. Numa dessas tardes saindo para fazer compra, ao entrar num bonde depara-se com a figura de um cego mascando chicletes, o que a deixa transtornada. “Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego”. A visão deste homem despertou em Ana todos os sentimentos que sufocara durante tanto tempo.

O sentimento de amor, não um amor sexual, mas aquilo que Bauman identifica como o preceito do amor ao próximo, tendo como base a ideia de que este é o princípio fundador da humanidade e de que, sem ele, nenhum outro preceito teria sentido. “Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite”. Sem se dar conta Ana entra no Jardim Botânico. “A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si. De longe via a aléia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho. Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais”. “Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava a terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber”. Causando assim, “A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos”. “Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada”. “Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que sentia seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno”. Ana tenta se refugiar na vida normal. Tenta sair do Jardim e voltar à sua casa, à sua fortaleza segura: “Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho escuro, atingiu a alameda. Quase correndo – e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto. Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia?” “Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo – e que nome se deveria dar à sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo do que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão”.

A única forma de livrar-se deste sentimento e deste amor, para Ana, era se refugiar novamente no seu cotidiano, no mundo que construiu para si, tentando proteger-se dos outros através da formação daquilo que Bauman chamou de comunidades de semelhança: espaços fechados e protegidos onde os “iguais” se enclausuram. “Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos. Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. (...) Depois do jantar, enfim a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, ela prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu”.

Contudo, Ana vence o conflito apesar de não se desprender da vida que matinha e passa a ter uma nova identidade. Onde esta, apesar da sua escolha passa a não ter mais medo dos seus conflitos existenciais e a partir de sua escolha passa a ter consciência de seu papel como mulher na sociedade. Voltando para o seu lar com um novo entendimento sobre a vida e sobre si mesma, pois Ana mudara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assim como a personagem Ana, muitas mulheres entre década de 60 e 70 viram-se sobre uma forte influência de uma cultura patriarcal. Onde esta era destinada aos cuidados do lar, dos filhos e do marido.

Ao analisar esse conto, iremos nos defrontar com essa cultura, onde o homem podia tudo e a mulher nada podia. No entanto, a personagem apesar de viver com seus conflitos internos ao se deparar com a imagem de um cego passa a se questionar e a ver a vida de outro modo. O que de fato, leva não só Ana a mudança, como também, seus filhos e seu marido. Ana vence o seu conflito existencial, apesar de continuar no seio familiar, depois de se encontrar consigo mesma. Mantendo assim, o laço familiar conforme a sociedade o determinava. Tomando dessa forma, consciência do seu papel como esposa e mulher na sociedade.

Seus pensamentos e desejos ocultos não são mais importantes do que sua família. Ela volta para o lar com um novo olhar sobre a vida, sobre si mesma.

REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. **"Amor" in. Laços de Família.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **"Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina"**. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

BORELLI, Olga. Clarice Lispector: **esboço para um possível retrato.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. **Vários escritos.** 2. ed. São Paulo: Livraria Duas cidades Ltda, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Civilização** (1930[1929]) in: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br